

# **Eixo Terapia Ocupacional em Educação**

## **Influência do uso de recursos da tecnologia assistiva na qualidade da escrita de escolar com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade: estudo de caso único**

*Ariane Marques Silva*

*Luciana Ramos Baleotti*

Escolares com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade apresentam alterações na preensão do lápis, na postura sentada, na coordenação motora fina que interferem na qualidade da produção textual. Objetivou-se investigar a influência de recursos da Tecnologia Assistiva como adjuvantes a intervenções que busquem melhorar a qualidade da escrita desses escolares. Estudo de caso único, com abordagem longitudinal, realizado com um escolar de 8 anos de idade, sexo masculino, com diagnóstico interdisciplinar de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, preensão ineficiente no lápis, postura inadequada e ilegibilidade da produção textual. Os dados foram coletados em uma clínica escola por meio da Escala de Disgrafia de Lorenzini. Os resultados evidenciaram que os recursos de Tecnologia Assistiva propiciaram a preensão tripode no lápis, a adequação postural e melhora da legibilidade da produção textual. Sugerem-se estudos que busquem investigar o impacto do uso do recurso de Tecnologia Assistiva junto a esses escolares no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Tecnologia Assistiva, Terapia Ocupacional, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade, Escrita Manual.

### **INTRODUÇÃO**

Diversos componentes interferem para o bom desempenho da escrita manual, dentre eles o tipo de preensão no lápis e o posicionamento adequado promovido pelo mobiliário escolar. A preensão tripode dinâmica é a forma mais comum de preensão do instrumento para a escrita encontrada em crianças maiores de seis anos e em adultos (SCHNECK; HENDERSON, 1990), e é apontada como a mais eficiente e habilidosa preensão utilizada para a escrita (TSENG; CERMAK, 1993). Da mesma maneira, a postura sentada tem uma importante influência no processo e produto da escrita (ROSENBLUM; GOLDSTAND; PARUSH, 2006).

Escolares com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) demonstram dificuldades em atividades que envolvem preensão e pressão de objetos (OKUDA et al., 2011), as quais podem impactar o desempenho acadêmico deles. Estratégias de intervenção que visem à melhora na qualidade da escrita manual podem incorporar recursos de Tecnologia Assistiva (TA) como adjuvantes ao processo de intervenção, e a eficácia deles tem sido evidenciada em crianças com deficiências (BALEOTTI; ZAFANI, 2017). Nesse sentido, parece-nos uma possibilidade promissora investigar o seu uso em escolares sem deficiência, mas que apresentam algum tipo de alteração que pode interferir na escrita, tais como os escolares com TDAH. Assim, objetivou-se investigar a eficácia do uso dos recursos de TA na qualidade da escrita, considerando o tipo de preensão no lápis, a postura sentada e legibilidade da produção textual.

## MÉTODO

Trata-se de recorte de pesquisa mais abrangente, aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob Parecer nº 1.552.051. Estudo de caso único, com abordagem longitudinal, realizado com uma criança de oito anos de idade, sexo masculino, terceiro ano do ensino fundamental, com diagnóstico interdisciplinar de TDAH, preensão ineficiente no lápis, observada por meio de quatro imagens fotográficas (planos: superior; frontal, lateral direita e esquerda) e caracterizada com base no estudo de Benbow (1997) apud Selin (2003); inadequação na postura sentada de acordo com variáveis descritas por Faria (2004); legibilidade adequada da escrita, classificada com base no Protocolo McMaster de Avaliação da Escrita desenvolvido por Pollock et al (2009), traduzido para o português por Magalhães et al (2012).

Para a coleta de dados foi utilizada a Escala de Disgrafia de Lorenzini (1993), na qual a criança tem como tarefa realizar a cópia de um texto. Neste estudo, essa escala foi utilizada para analisar a influência do uso de recursos de TA na qualidade da escrita. A coleta de dados ocorreu em três etapas:

Etapa 1 – pré-teste: criança utilizando mobiliário escolar e lápis convencionais, realizou a cópia do texto contido na escala de disgrafia.

Finalizada a etapa 1, deu-se início as intervenções, com dez encontros de 30 minutos, duas vezes por semana, ao longo de cinco semanas. Utilizou-se mobiliário adaptado para adequação postural, e um trifásico no lápis para favorecer a preensão trípede dinâmica.

- Etapa 2 - pós-teste: após as intervenções, aplicou-se a cópia do texto da escala de disgrafia. Nesta etapa, foram utilizados o mobiliário adaptado e o trifásico no lápis.

- Etapa 3 - follow-up: após cinco semanas da etapa 2, realizou-se nova coleta de dados conforme etapa 1, a fim de comparar os dados nas três etapas do estudo.

A análise de dados referente à preensão no lápis e a postura sentada foi feita utilizando-se os mesmos critérios descritos para a inclusão da criança neste estudo. Para a análise da legibilidade da escrita, foram avaliados e pontuados oito dos dez itens presentes na Escala de Disgrafia de Lorenzini (1993), sendo curvatura e angulação das letras, más formas, letras retocadas, pontos de junção, movimentos bruscos, irregularidade de dimensão, espaço irregular entre as palavras e colisões e aderências. Com base no texto produzido pela criança, atribuiu-se a pontuação dos itens quanto à nitidez e quantidade com que a característica avaliada foi encontrada. Dessa forma, quanto maior a repetição da característica maior a pontuação do item avaliado, a qual pode variar de zero a três pontos.

## RESULTADOS

No pré-teste a criança apresentou preensão do tipo *Locked grip com polegar cobrindo* (BENBOW, 1997 apud SELIN, 2003). Durante a intervenção, o uso do trifásico favoreceu a preensão trípole dinâmica, mantendo-se estável até o pós-teste. No entanto, no follow up constatou-se que sem o trifásico a criança retomou à preensão ineficiente no lápis, conforme figura 1.

**Figura 1 - Amostras da preensão**



**Fonte: arquivo LINTI**

Quanto à postura sentada, observou-se (etapa 1) que a criança não apoiava os pés no chão e os quadris e costas no encosto da cadeira. Já no pós-teste (etapa 2) observou-se melhora significativa da postura ao escrever. Os resultados da etapa 3 evidenciaram novamente a inadequação postural, como nota-se na figura 2.

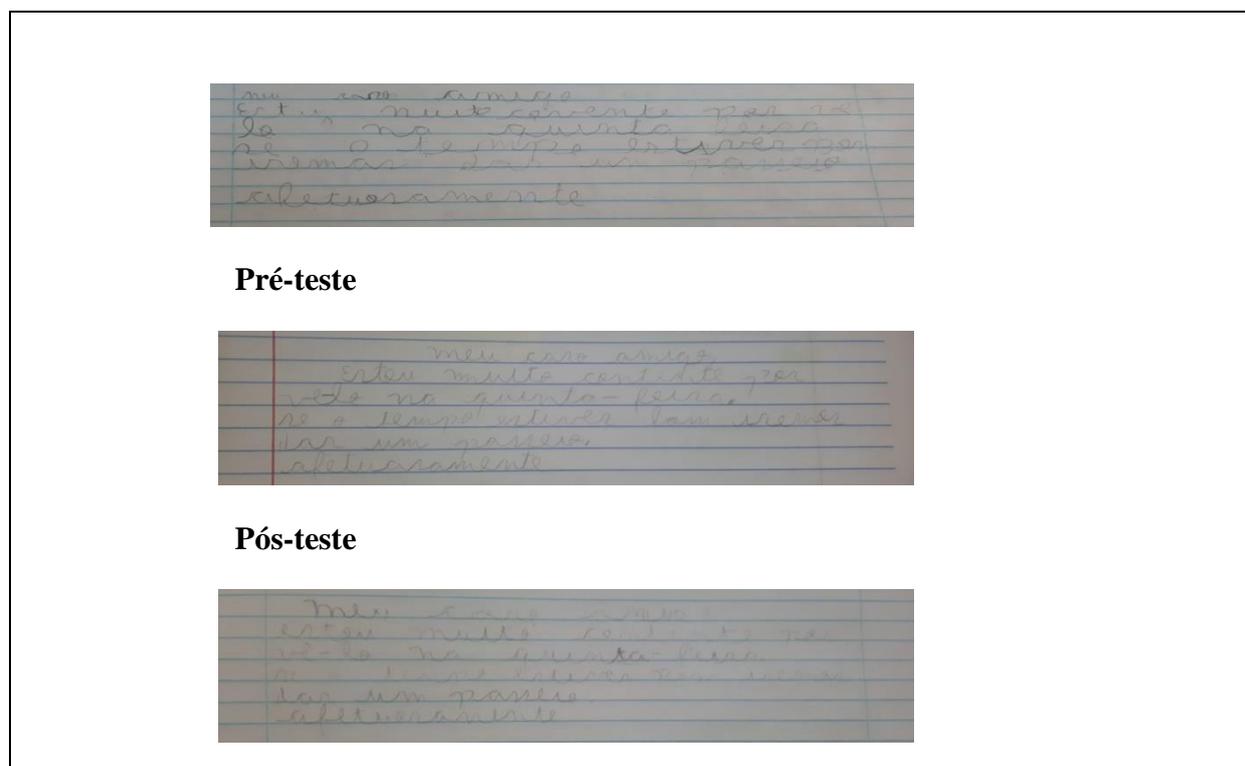
**Figura 2 - Amostras da postura sentada.**



**Fonte: arquivo LINTI**

No que diz respeito à legibilidade da produção textual, no pré-teste, foram observados: falta de organização da página, espaços irregulares entre as palavras, dificuldades quanto a forma, tamanho, proporção e retoques em algumas letras. Após as intervenções (etapa 2), houve melhora em todos os itens descritos acima. No entanto, os dados do follow up evidenciaram a presença de elementos considerados ineficazes para a escrita, exceto a organização da página, como demonstrado na figura 3.

**Figura 3 - Amostras da produção textual.**



## Follow up

**Fonte: arquivo LINTI**

### **DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos na etapa 2 evidenciaram que o uso do trifásico e a adequação postural representaram elementos importantes que impactaram na melhora da legibilidade da produção textual. Esses dados mostram consenso com a literatura, e evidenciam que a adequação ambiental é um dos fatores que pode favorecer o desempenho na atividade de escrita em escolares com TDAH.

No entanto, os resultados obtidos no follow up mostraram retrocesso na legibilidade da produção textual. Por um lado, esse achado confirma a hipótese de que recursos de TA que favoreçam a preensão eficiente no lápis e a adequação postural podem exercer efeito positivo na qualidade da escrita. Por outro lado, demonstram que a aprendizagem de um novo padrão motor (preensão) e postural durante o desempenho da atividade da escrita, envolveu diversos componentes intrínsecos como musculoesqueléticos, perceptivos, cognitivos, ainda não experimentados anteriormente pela criança deste estudo, o que implica mudança de hábito e aquisição de nova aprendizagem motora. A quantidade, a duração e a intensidade da repetição da atividade são variáveis importantes para a aprendizagem e reaprendizagem de habilidades motoras (ADAMOVICH et al., 2009). Nesse sentido, pode-se inferir que o aumento da frequência e da intensidade do uso dos recursos por meio da inserção deles no contexto escolar pode ser uma estratégia promissora para o desempenho da escrita manual e da qualidade textual em escolares com TDAH.

### **COSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora os resultados pós-intervenção tenham evidenciado que o uso de recursos da TA propiciou melhora na legibilidade da escrita, houve retrocesso no follow-up. Assim, sugerem-se estudos futuros que investiguem o uso desses recursos no ambiente escolar, por meio do aumento da frequência e tempo do uso, a fim de averiguar se tais variáveis podem impactar na qualidade da produção textual de escolares com TDAH.

### **REFERÊNCIAS**

ADAMOVICH, S.V. *et al.* Sensorimotor training in virtual reality: a review. *NeuroRehabilitation*. v.25, n.1, p. 1-21, 2009.

BALEOTTI, L. R.; ZAFANI, M. D. Terapia Ocupacional e tecnologia assistiva: reflexões sobre a experiência em consultoria colaborativa escolar. *Cader. Bras. Terapia Ocupacional*, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 409-416, 2017.

FARIA, M. G. A. *Adaptação da Avaliação de Habilidades Motoras e de Processo- Versão Escolar- para crianças brasileiras de 4 a 8 anos de idade*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

LORENZINI, M.V. *Uma escala para detectar a disgrafia baseado na Escala de Ajuriaguerra*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1993.

MAGALHÃES, L. C. *et al.* Protocolo McMaster de Avaliação da Escrita - 2ª Edição traduzido, 2012.

OKUDA, P. M. M. *et al.* Coordenação motora fina de escolares com dislexia e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade. *Rev. CEFAC*, v. 13, n. 5, p. 876-885, set-out., 2011.

ROSENBLUN, S., GOLDSTAND, S., PARUSH, S. Relationships among biomechanical ergonomic factors, handwriting product quality, handwriting efficiency, and computerized handwriting process measures in children with and without handwriting difficulties. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 60, p. 28–39, 2006.

SELIN, A.S. *Pencil grip: A descriptive model and four empirical studies*. Åbo, Finland: Åbo Akademi University Press, 2003

SCHNECK, C. M.; HENDERSON, A. Descriptive analysis of the developmental progression of grip position for pencil and crayon control in nondysfunctional children. *Am. J. Occup. Ther.*, v. 44, n. 10, p. 893-900, 1990.

TSENG, M. H.; CERMAK, S. A. The influence of ergonomic factors and perceptual-motor abilities on handwriting performance. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 47, p. 919–926, 1993.

## **Avaliação do comportamento pessoal social de pré-escolares**

*Ângela Cristina Dornelas Da Silva*

*Manuelle Clebiana De Lira Silva*

O comportamento pessoal-social consiste na interação com outras pessoas e nas atividades de autocuidado. Este estudo objetivou *verificar a prevalência de alteração no comportamento pessoal-social entre pré-escolares*, e analisar a associação com variáveis biopsicossociais. Para tanto, realizou-se um estudo seccional, exploratório e descritivo, com crianças de 2 a 6 anos de idade de uma escola pública em João Pessoa. O desfecho foi avaliado através da escala do comportamento pessoal-social do Teste de Triagem do Desenvolvimento de Denver II, e as variáveis independentes, de caráter biopsicossociais, foram investigadas através de questionário. Os dados foram analisados por estatística descritiva e inferencial. Dentre 60 crianças participantes do estudo, 15,0% apresentaram alteração no comportamento pessoal-social. Apesar de não detectar associações entre desfecho e variáveis biopsicossociais, identificou-se que muitas crianças não tiveram oportunidade de executar tarefas de vestuário e interação social. Portanto, a avaliação do comportamento pessoal-social identifica lacunas no desenvolvimento infantil possibilitando que famílias e profissionais criem estratégias para as crianças desenvolverem autonomia em atividades importantes para o ingresso no ensino fundamental.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento infantil. Pré-escolar. Atividades cotidianas.

### **INTRODUÇÃO**

O comportamento pessoal-social inclui as reações individuais as outras pessoas e à cultura social (GESELL, 1996). Faz parte do repertório pessoal-social as atividades comunicativas para interação desde as idades mais tenras e as atividades de autocuidado.

O desenvolvimento desse comportamento se dá através do relacionamento com os pais e outras pessoas do convívio da criança, e abrange o que ela pensa de si mesma e a sua responsabilidade consigo e com os outros (CRÓ, 2011). A construção deste comportamento sofre influências positivas e negativas de fatores biológicos e ambientais presentes na vida da criança.

Neste contexto, avaliar o desenvolvimento do comportamento pessoal-social de pré-escolares é importante para pensar estratégias de garantir o desenvolvimento infantil global. Assim, este estudo teve como objetivo *verificar a prevalência de alteração no desenvolvimento do* comportamento pessoal-social entre pré-escolares, e analisar a associação entre este desenvolvimento e variáveis biopsicossociais.

## **METODOLOGIA**

Estudo seccional, exploratório e descritivo, realizado no período de setembro a novembro de 2015, nas turmas de educação infantil da Escola de Educação Básica da Universidade Federal da Paraíba (EEBAS/UFPB) com as crianças na faixa etária de 2 a 6 anos, matriculadas no ano de 2015, e suas respectivas mães (biológicas ou substitutas).

A variável dependente para fins deste estudo foi o desenvolvimento do comportamento pessoal-social de pré-escolares. As variáveis independentes foram aquelas de natureza biológica, materna, social e demográfica que podiam estar associadas ao desenvolvimento infantil. O desenvolvimento foi avaliado pela escala pessoal-social do Teste de Triagem do Desenvolvimento de Denver II (TTDDII). A classificação do desenvolvimento pessoal-social considerou os resultados na respectiva escala do teste que foram interpretados da seguinte forma: crianças com desenvolvimento normal foram aquelas que apresentaram no máximo um item cauteloso; crianças com desenvolvimento suspeito foram aquelas que apresentaram dois ou mais itens cautelosos e/ou apenas um item atrasado; crianças com desenvolvimento anormal foram aquelas que apresentaram dois ou mais itens atrasados. Os itens avaliados como falta de oportunidade foram contabilizados em termos de frequência, mas não computados para classificar o teste como Normal ou Alterado. Para verificar a prevalência de alteração no desenvolvimento pessoal social os resultados foram classificados em duas categorias: **normal**, quando o teste indicou desenvolvimento normal, e **alterado**, quando o teste indicou desenvolvimento suspeito ou anormal.

As condições sociais, maternas e de natureza biológica foram investigadas a partir de um questionário elaborado para a pesquisa que reuniu: variáveis socioeconômicas e demográficas (renda familiar, escolaridade materna e paterna, estrutura familiar, idade materna e paterna, idade e sexo da criança), variáveis relacionadas a criança (peso ao nascer, a idade gestacional de nascimento, história neonatal) e variáveis relacionadas a mãe (tipo de parto,

saúde mental). A saúde mental materna foi investigada pelo “Self Reporting Questionnaire” (SRQ-20) (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 1994).

Os dados foram analisados através de estatística descritiva (média e frequência) e inferencial (Análise de Variância, Qui-quadrado e regressão logística múltipla ajustada), considerando intervalo de confiança de 95%, e o valor  $p \leq 0,05$  como limite para a significância estatística.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Ciências da Saúde da UFPB), com o CAAE: 46083115.0.0000.5188. As mães receberam os resultados dos testes e foram orientadas sobre a melhor forma de estimular o comportamento pessoal-social de suas crianças.

## RESULTADOS

O estudo contou com a participação de 60 crianças (51,7% do sexo masculino) que constituiu o número total de crianças que estavam frequentando a escola no período da coleta de dados. A idade cronológica das crianças variou entre 2 anos e 6 meses e 5 anos e 9 meses, com uma média de 53,4 meses ( $\pm 11,5$  DP). A idade materna variou entre 23 a 53 anos com média de idade de 33,8 anos ( $\pm 6,7$  DP). A faixa de idade com maior número de mães foi de 30 a 39 anos.

Os anos de estudos das mães variaram entre 4 a 18 com uma média de 11,9 anos ( $\pm 3,3$  DP). Os anos de estudos dos pais variaram de 1 a 16 anos, com média de 11,7 anos ( $\pm 3,4$  DP). O número de pessoas residentes nas casas variou de 2 a 7 pessoas, e a média foi de 3,8 pessoas ( $\pm 1,02$  DP). A renda *per capita* familiar variou de R\$186,00 a R\$2.000,00 e teve como média R\$ 545,9 ( $\pm 422,3$  DP).

A maior parte das crianças nasceu de parto cirúrgico. O peso ao nascer variou de 1.760 kg a 4.500 kg teve como média 3.241,60 kg ( $\pm 585,6$  g DP). Em relação a idade gestacional 30% nasceram prematuras. Precisaram utilizar a UTI 6,7% das crianças, 13,3% fizeram uso de fototerapia e 8,3% de oxigenoterapia. Dentre as mães, 18,3% apresentaram suspeita de transtorno mental comum.

**Tabela 1:** Frequência de resultados por provas da escala de desenvolvimento pessoal-social, Joao Pessoa, 2015.

<b>Provas</b>	<b>Frequência de atrasos</b>	<b>Frequência de cautela</b>	<b>Frequência de falta de oportunidade</b>
Jogar cartas	0	1	5
Escovar os dentes sem ajuda	0	1	0
Vestir sem ajuda	0	1	1
Põe camiseta	4	2	5
Vestir roupa	3	0	0
Nomeia amigos	1	0	0
Lava e seca as mãos	1	0	0
Escova os dentes com ajuda	1	0	0
Alimenta boneca	0	0	1
Usa garfo/ colher	1	0	0
Prepara alimentos	0	0	1

Fonte: pesquisa direta, 2015

A tabela 1 apresenta a frequência de resultados por provas da escala de desenvolvimento pessoal-social. Jogar cartas e colocar camisetas foram itens com mais número de crianças que não tiveram oportunidade de realizá-los.

A prevalência de alteração no desenvolvimento do comportamento pessoal-social foi de 15%. Após análise de regressão logística, nenhuma variável se associou a este desenvolvimento.

## **DISCUSSÃO**

O perfil do grupo estudado pareceu favorável ao desenvolvimento pessoal-social. Segundo Martins et al (2004) boas condições de saúde, tanto da mãe quanto da criança, boa nutrição, bons cuidados parentais, forte apoio social e interações estimulantes fora de casa combinam-se para prover as melhores chances de desenvolvimento adequado.

Quanto a prevalência de alteração no comportamento pessoal-social, o percentual encontrado neste estudo é inferior aos encontrados em outros estudos desenvolvidos no Brasil, sugerindo que a maior parte das crianças recebe uma estimulação adequada em casa e/ou na escola para desempenhar as atividades de autocuidado e interação com o meio.

No estudo de Silva et al (2015), desenvolvido com lactentes em creches de João Pessoa na Paraíba, o percentual de crianças com alteração na área pessoal social foi de 38,4%. O estudo de Rezende et al (2005) conduzido em São Paulo com crianças de 2 a 3 anos inseridas em creches, encontrou uma prevalência de 20%.

O estudo não revelou associação significativa entre o desenvolvimento do comportamento pessoal-social e as demais variáveis estudadas. Porém, a não detecção da associação entre as variáveis pode ter ocorrido pelo número de crianças estudadas, mesmo que tenham sido avaliadas todas as crianças que estavam frequentando a escola no período da pesquisa.

Com relação a análise das provas utilizadas no teste, a atividade de vestir camiseta sozinho e interagir com jogos de cartas foram as que mais deixaram de ser oportunizada as crianças pelos cuidadores. Considerando que o engajamento de crianças nas ocupações é mediado pela família (HUMPHRY, 2011), é factível supor que a dinâmica da vida moderna leva muitos pais a fazerem as tarefas pelas crianças ao invés de ensiná-las, a fim de ganharem tempo para exercerem múltiplas funções.

Em relação aos jogos de mesa simples e de cartas (memória, baralho...), Paiva e Costa (2015) salientam que jogos eletrônicos vêm tomando o espaço de jogos tradicionais que fazem parte do repertório de brincadeiras na infância. Os autores alertam que o uso excessivo destes jogos pode levar a criança ao isolamento social, por isso deve ser controlado pelos adultos a fim de evitar prejuízos ao desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Por fim, o uso das escalas do teste de triagem do desenvolvimento de Denver II se mostra eficiente para identificar áreas do desenvolvimento que necessitam de mais estímulos por parte da família e da escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do estudo não ter revelado associação entre o comportamento pessoal-social e as variáveis biopsicossociais estudadas, não significa dizer que estas não existam. Outras pesquisas são importantes para verificar tais associações.

Contudo, a pesquisa aponta a importância de avaliar o desenvolvimento pessoal-social em pré-escolares, a fim de identificar lacunas no curso do desenvolvimento, possibilitando a criação de estratégias para melhorar as habilidades de autocuidado e interação social das crianças, uma vez que estas habilidades são relevantes para o ingresso no ensino fundamental e para toda a vida.

## REFERENCIAS

CRÓ, M. L.. O Desenvolvimento Pessoal e Social da criança em contexto de creche versus prática profissional dos educadores de infância. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.19, n1, p.308-327, jan./jun. 2011

GESELL, ARNOULD. *A criança dos 0 aos 5 anos*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HUMPHRY, R. Ocupação e desenvolvimento: uma perspectiva contextual. In: CREPAU, E. B.; COHN, E.; SCHELL, B. A. B. *Willard & Spackman: terapia ocupacional*. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 22-32

MARTINS, M.F.D. et al. Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v.20, n.3, p. 710-718, mai./jun., 2004.

PAIVA, N.M.N; COSTA, J.S. A influência da tecnologia na infância: desenvolvimento ou ameaça? *Psicologia.pt: o portal dos psicólogos*, 2015. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0839.pdf>

REZENDE, M.A.; BETELI, V.C.; SANTOS, J.L.F. Avaliação de habilidades de linguagem e pessoaisociais pelo Teste de Denver II em instituições de educação infantil. *Acta Paul Enferm*, v.18, n.1, p. 56-63, 2005.

SILVA, ACD; ENGSTRON, EM; MIRANDA, CT. Fatores associados ao desenvolvimento neuropsicomotor em crianças de 6-18 meses de vida inseridas em creches públicas do

Município de João Pessoa, Paraíba, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.31, n.9, p.1881-1893, set, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. A user's guide to the self reporting questionnaire (SRQ). Division of mental health. Geneva; 1994.

## **Reflexões sobre a Terapia Ocupacional em Contexto Escolar num Colégio de Aplicação de uma Universidade Federal**

*Sérgio Leandro da Silva*

*Diane Priscila Stoffel*

A Terapia Ocupacional tem expandido seus contextos de atuação, sendo o Contexto Escolar um deles, atualmente reconhecido como especialidade profissional. Considerando esses avanços, o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o exercício dos terapeutas ocupacionais de um Colégio de Aplicação, junto aos diversos setores do colégio e da universidade, para que o “fazer” da Terapia Ocupacional seja conhecido nesse espaço. Utilizou-se como delineamento o ensaio-teórico, como forma de pensar a realidade exposta. A contratação de dois terapeutas ocupacionais pela referida instituição implicou na consolidação de um novo serviço, tanto no Colégio quanto na Universidade, e consequente alteração na composição da equipe multiprofissional. Nota-se que essa inserção gerou impasses especialmente quanto às especificidades e atividades pertinentes a cada um dos Serviços, visto que muitas das atribuições dos terapeutas ocupacionais já eram realizadas por outros profissionais. Tais atribuições foram propostas pelos próprios terapeutas ocupacionais com base nas publicações do COFFITO até 2016. Todavia, com a publicação da resolução nº 500, de 26 de dezembro de 2018, esse fazer deve ser revisto, fornecendo uma base mais consistente para a defesa da profissão enquanto serviço constituinte da própria equipe da escola.

**Palavras-Chave:** Terapia Ocupacional. Contexto Escolar. Ensino Regular.

### **INTRODUÇÃO**

De formas distintas e muitas vezes peculiares o campo de atuação da Terapia Ocupacional tem se expandido. Segundo Soares (1991), a Terapia Ocupacional surgiu, basicamente, de dois processos: da ocupação de doentes crônicos em hospitais de longa permanência e da restauração da capacidade funcional dos incapacitados físicos. Nos mais de cem anos de sua existência tem estado presente em muitos outros contextos, entre eles, de acordo as especialidades reconhecidas pelas resoluções do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional - COFFITO<sup>1</sup> - Acupuntura, Contextos Hospitalares, Contextos Sociais,

Contexto Escolar, Gerontologia, Saúde da Família e Saúde Mental. Neste trabalho, vamos discorrer sobre a Terapia Ocupacional no contexto de um colégio de ensino fundamental e médio da rede federal.

A contratação de dois terapeutas ocupacionais para compor a equipe multiprofissional<sup>1</sup> de tal Colégio de Aplicação ocorreu devido a uma sentença judicial e concretizou-se em dezembro de 2016. O referido Colégio, de acordo com sua Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional (PPI), destina uma reserva de 5% do número de alunos por série para atender alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades/superdotação, bem como outros transtornos funcionais específicos<sup>1</sup>; e prevê também uma equipe multiprofissional com a finalidade de desenvolver ações educativas.

Assim o presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o exercício dos terapeutas ocupacionais, junto aos diversos setores do colégio e da universidade, para fazerem o “fazer” da Terapia Ocupacional ser conhecido.

## **METODOLOGIA**

Para discorrer sobre o tema escolhido, optamos pela utilização do Ensaio Teórico, por entender que, segundo Meneghetti (2011, p 321) o espírito do mesmo é “a relação permanente entre o sujeito e objeto, um vir-a-ser constituído pela interação da subjetividade com a objetividade dos envolvidos”. Ainda segundo Meneghetti (2011, p 330)

“ensaio também não é forma facilitada de produção científica, em que é exigida apenas a razão do escritor, a partir da escolha do tema. O ensaísta precisa transgredir a forma convencional e tradicional de pensar a realidade, pois só assim pode gerar conhecimento original e diferenciado. O ensaísta é antes de tudo experimentador e não reprodutor de conhecimento ou produto de reflexões presas à formalidade do método.”

Duarte (1997, p. 81), estudante dos ensaios de Adorno, corrobora com essa tese, quando afirma que “o ensaio opera por coordenação diferentemente da subordinação lógica do procedimento convencional”.

## RESULTADOS

Até o ano de 2018, segundo Stoffel e Silva (2018), a prática da Terapia Ocupacional no campo da Educação no Brasil era discutida ora com base nos princípios da Educação Especial e da Inclusão, ora pautada na Terapia Ocupacional Social, e abordava principalmente experiências de consultoria, projetos de pesquisa e extensão. Os terapeutas ocupacionais recém chegados, para atuarem no colégio, tiveram a responsabilidade de estabelecer as atribuições da Terapia Ocupacional dentro do cotidiano escolar, inicialmente tomando como referência o que preconiza, em relação à prática da Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, a resolução nº 406/2011 COFFITO nos artigos 3º incisos X, XVIII, XXIV, XXV e Artigos 4º I e IV. As referidas atribuições passaram a compor o Regimento Interno do Colégio e, por conseguinte, também dar suporte às ações a serem desenvolvidas pelo serviço de Terapia Ocupacional junto ao público alvo da educação especial, conforme preconiza o PPI<sup>1</sup>. As atribuições transcritas abaixo para além do referencial teórico que lhes deu sustentação, foram pensadas levando-se em conta o momento histórico que foi da inserção de uma nova profissão num colégio e numa universidade com quase sessenta anos de existência:

Art. 88 - São atribuições do Serviço de Terapia Ocupacional as atividades realizadas prioritariamente em âmbito multi e interdisciplinar que incluem:

- I. avaliar os estudantes quanto às suas capacidades e potencialidades;
- II. eleger procedimentos e tecnologias para atingir os objetivos propostos a partir da avaliação;
- III. facilitar e estimular a participação e a colaboração dos envolvidos no processo de inclusão;
- IV. orientar a família em relação à escola e à inclusão;
- V. avaliar, sugerir e prescrever adequação/adaptação de espaços físicos e recursos materiais, além de orientar a comunidade escolar neste âmbito;
- VI. orientar os professores e a comunidade escolar quanto ao desempenho ocupacional, as capacidades e as potencialidades de cada estudante;
- VII. realizar análise de atividades;

- VIII. treinar o desempenho de atividades;
- IX. prescrever, confeccionar, treinar e orientar o uso de equipamentos de Tecnologia Assistiva e Comunicação Alternativa;
- X. promover ações educativas; produzir manuais e folhetos explicativos de acordo com demandas identificadas;
- XI. estimular a participação, a autonomia e a socialização nas atividades escolares;
- XII. realizar grupos com familiares, alunos e profissionais para sensibilização e discussão sobre a inclusão escolar, suas peculiaridades, facilitadores, barreiras e contradições;
- XIII. realizar encaminhamentos à rede formal de equipamentos sociais e serviços públicos e à rede informal;
- XIV. acompanhar, discutir e avaliar o processo de inclusão junto à equipe multidisciplinar;
- XV. executar outras tarefas de mesma natureza e nível de complexidade associadas ao ambiente organizacional.

## DISCUSSÃO

Implantar e implementar um trabalho novo, dar visibilidade a uma profissão pouco conhecida pelos profissionais docentes ou técnicos administrativos, e ainda assim, não na sua plenitude; conhecida parcialmente por algumas das famílias cujos filhos são público alvo da educação especial, não é uma tarefa fácil. Explicar por vezes seguidas, qual o papel do terapeuta ocupacional dentro da escola – e muitas vezes também não se ter a certeza do seu papel, naquele contexto, especialmente devido ao desempenho de atividades deveras semelhantes entre os diferentes setores da escola, torna-se exaustivo e maçante.

Muitas das atividades descritas nas atribuições elencadas para o Serviço de Terapia Ocupacional da escola, já eram de alguma forma realizados por outros profissionais; dividir o fazer com outras profissões, em especial àquelas que naturalmente fazem parte do cotidiano escolar – professores(as) e pedagogos(as) – constitui um tarefa difícil. Para além dos desafios *in loco*, há também os desafios da discussão dentro da própria profissão, sobre os limites da

atuação do terapeuta ocupacional dentro de uma escola regular. As atribuições elencadas para os terapeutas ocupacionais no colégio e as competências descritas na resolução 406/2011 COFFITO nos artigos 3º incisos X, XVIII, XXIV, XXV e Artigos 4º I e IV nos fazem pensar que a nossa responsabilidade vai para além do atendimento ao público alvo da educação especial (demanda inicial da gestão da instituição). Faz-se também competência a luta para que direitos básicos como acesso e permanência da escola regular, de todas as crianças em idade escolar - entre 6 e 18 anos – sejam respeitados e garantidos; que a educação pública e de qualidade alcance todos - brasileiros e/ou estrangeiros residentes.

Dois anos e meio depois da implantação do serviço de Terapia Ocupacional no colégio, muitas foram as mudanças observadas; vários projetos em parceria com quase todos os demais serviços da equipe multidisciplinar foram implementados e estão em desenvolvimento; algumas publicações em parceria com outros profissionais também têm sido feitas. Entretanto, ainda há dúvidas de como, à luz das diretrizes e das discussões da Terapia Ocupacional no Brasil, a Terapia Ocupacional em Contexto Escolar deva plenamente ser executada enquanto serviço da própria escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Creemos que compartilhar as experiências e as reflexões dos terapeutas ocupacionais desse colégio, quanto a Terapia Ocupacional na educação regular, pode contribuir para a reflexão do fazer da profissão não só no contexto escolar, mas na educação como um todo. O dinamismo da profissão continua em pleno vigor; recentemente, em 26 de dezembro de 2018 o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO publicou a resolução nº 500 – reconhecendo e disciplinando a especialidade de Terapia Ocupacional em Contexto Escolar. Novos horizontes e novas reflexões surgiram e ainda irão surgir à partir de tal resolução, as trocas entre os que estão trabalhando enquanto terapeutas ocupacionais em educação, dentro e fora da escola regular, tende a fortalecer e aprimorar a especialidade de Terapia Ocupacional em Contexto Escolar.

## **REFERÊNCIAS**

**BRASIL, Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva.** 2008. Disp.em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> Acesso em: 10 jul 2019.

COFFITO, **RESOLUÇÃO N° 406 DE 07 DE NOVEMBRO DE 2011**, 2011. Disponível em: <https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=3169> Acesso em: 19 jul 2019

Colégio de Aplicação da UFSC. - **Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio de Aplicação/UFSC**. UFSC: Florianópolis, 2014

Colégio de Aplicação da UFSC. - **Regimento Interno do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina**. UFSC: Florianópolis, 201

Duarte, R. – **Adornos: nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano**. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 1997

MENEGHETTI, F. K. – **O que é um Ensaio-Teórico?** – RAC, v. 15. N 2, p 320-322, Curitiba, Mar/Abr 2011

SOARES, L.B.T. - **Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?** São Paulo, Hucitec, 1991.

STOFFEL, D. P., SILVA, S. L. Desafios teóricos, práticos e políticos do profissional de Terapia Ocupacional na Educação Básica Federal. In: **Congresso Paranaense de Terapia Ocupacional, 8 e Congresso Sul Brasileiro de Terapia Ocupacional, 1**. 2018. Curitiba.

## **Uma perspectiva ocupacional das atividades de autocuidado na educação infantil**

*Ana Claudia Moron Betti*

*Debora Ribeiro da Silva Campos Folha*

*Patrícia Carla de Souza Della Barba*

Diante da necessidade de estudo e intervenção no âmbito das ocupações infantis, este trabalho propõe identificar e discutir as atividades de autocuidado na Educação Infantil, a partir de uma perspectiva ocupacional, com bases nos dados apresentados por uma tese de doutorado no prelo. Nesta tese foi utilizada metodologia qualitativa, exploratória e descritiva e realizada observação direta em quatro Unidades de Educação Infantil, por meio do método de Descrições Narrativas, transcrições e análise temática do conteúdo, identificando aspectos relacionados aos ambientes, rotina, participação das crianças e atuação da Terapia Ocupacional na perspectiva ocupacional. Analisando e discutindo os resultados apresentados pela tese, perpassa-se pela identificação das ocupações infantis relacionadas ao autocuidado: alimentação, banho, escovação dos dentes, lavagem das mãos, troca de roupa, descanso e sono e de fatores limitadores e potencializadores do desempenho dessas ocupações, tais como os ambientes, o estabelecimento de uma rotina e a supervisão/auxílio das professoras, que atuaram também como cuidadoras. Podemos considerar que as atividades de autocuidado estão fortemente presentes no cotidiano da Educação Infantil, podendo ou não oferecer condições e oportunidades para o desenvolvimento da autonomia, e que a compreensão das atividades de autocuidado, a partir de uma perspectiva ocupacional, fortalece as possibilidades de intervenção de terapeutas ocupacionais neste contexto, junto às professoras, na promoção da participação e aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Autocuidado, Educação Infantil, Terapia Ocupacional.

### **INTRODUÇÃO**

A concepção de infância e as formas de atenção e cuidado a pessoas nesta fase vêm se transformando no decorrer da história, norteando as normativas oficiais brasileiras relacionadas aos direitos da criança, entre eles a educação (BRASIL, 1998; ECA-BRASIL, 2018).

Encontramos na legislação, a compreensão da criança enquanto sujeito de direitos e preconização de sua proteção e de oportunidades para seu desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade (BRASIL, 2018).

Na educação infantil, encontramos normativas legais que sustentam a indissociabilidade do educar e cuidar neste campo (BRASIL, 2010; 2018). A Base Nacional Comum Curricular, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação e fundamentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, traz concepções sobre a infância enquanto sujeito histórico e de direitos e sobre o cuidado como indissociável ao processo educativo, colocando como objetivos da educação infantil, de forma complementar às famílias, a ampliação das experiências que possibilitam a construção e apropriação de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, oportunizando aprendizagens, desenvolvimento e socialização. Dentre as aprendizagens reafirmadas enquanto direitos, temos as práticas de cuidados pessoais como alimentar-se, vestir-se, higienizar-se (BRASIL, 2017).

A perspectiva inclusiva, que atualmente norteia as práticas educacionais, prevê a provisão de uma equipe multiprofissional, tendo terapeutas ocupacionais como membros dessa equipe (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994; ROCHA, 2007; JURDI; TEIXEIRA; SÁ, 2017).

No âmbito da Terapia Ocupacional, a Resolução COFFITO n° 500/2018 sinaliza as áreas de desempenho ocupacional nos contextos escolares como forma de nortear as intervenções dos terapeutas ocupacionais neste campo, dentre elas as atividades de vida diária, brincar, autonomia e independência (COFFITO, 2018, n.p.).

A partir deste cenário, este trabalho busca identificar e discutir as atividades de autocuidado na educação infantil a partir de uma perspectiva ocupacional.

## **METODOLOGIA**

Este trabalho refere-se a um recorte de tese de doutorado, caracterizada por um estudo qualitativo, exploratório e descritivo. (FOLHA, 2019, no prelo)

O estudo de Folha (2019, no prelo), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, consistiu numa pesquisa de campo realizada em uma capital brasileira, com a realização de observação direta em quatro Unidades de Educação Infantil vinculadas à

Secretaria Municipal de Educação. Na coleta de dados, foi utilizado o método de Descrições Narrativas (BENTZEN, 2012) e, para análise, o método de análise temática do conteúdo (BARDIN, 2011), apontando resultados para os ambientes, rotinas e atividades da Educação Infantil, a participação de crianças nesses ambientes, rotinas e atividades e espaços para a Terapia Ocupacional na Educação Infantil sob a perspectiva ocupacional.

Com base nesta pesquisa, este trabalho propõe uma discussão sobre as atividades de autocuidado na educação infantil numa perspectiva ocupacional, a partir dos resultados apresentados por Folha (2019, no prelo).

## **RESULTADOS**

Foi possível identificar que as atividades de autocuidado estão presentes em diversos momentos da rotina da Educação Infantil: a troca de roupa na chegada, os momentos de alimentação (lanches e refeições), o banho, a escovação dos dentes, a lavagem das mãos, o uso do banheiro, o descanso e o sono. Essas atividades, realizadas cotidianamente, de forma estruturada, com comandos verbais e supervisão ativa da professora, permitiram a observação do gerenciamento de pertences, da participação e do desenvolvimento da autonomia das crianças, como pilares estruturantes desse contexto. A autonomia almejada e trabalhada neste nível educacional traduz a estreita relação entre educação e cuidado na Educação Infantil já discutida anteriormente.

Compreendemos que os espaços físicos, nos quais as atividades de autocuidado foram observadas como sala de aula, banheiros, refeitório e escovódromo mostraram-se influenciadores do desempenho das atividades de autocuidado na Educação Infantil, devido a aspectos como a amplitude de espaço, a iluminação, o mobiliário adequado (tamanho, conforto, se existe flexibilidade na disposição dos mobiliários de acordo com a atividade proposta) e os recursos/instrumentos disponíveis.

Os resultados apontaram também para o importante papel de cuidadoras que as professoras da Educação Infantil desempenham no cotidiano educacional. Esse viés do cuidado se manifestou frequentemente nas práticas docentes, por meio de condutas como pentear e prender os cabelos das crianças após o banho, reconfortar crianças que caíam ou se machucavam levemente durante o brincar, criar estratégias para facilitar a alimentação e guiar momentos como banho e vestir, por meio de orientações e ajudas físicas.

## **DISCUSSÃO**

Compreendendo as atividades de autocuidado enquanto ocupações que se estabelecem no contexto da educação infantil e que a participação das crianças nas rotinas diárias favorece a aprendizagem destas atividades (GARTLAND, 2001; MULLIGAN, 2012), podemos discorrer sobre os aspectos que influenciam no desempenho dessas ocupações como os ambientes, as estruturas das rotinas, características pessoais dos estudantes e a colaboração disponível e possível entre os sujeitos envolvidos (aluno, escola, família), que podem oferecer ou não oportunidades para a realização de ocupações. Nessa perspectiva, ambientes que não promovem saúde e engajamento podem levar a privações ocupacionais, como a limitação ao acesso às atividades, gerando um impacto negativo e significativo em seu desenvolvimento. (ZIVIANI; RODGER, 2006; RODGER; KENNEDY-BEHR, 2017).

Em contrapartida, o contexto escolar pode oferecer condições para a plena participação das crianças como a acesso aos espaços físicos, suporte dos adultos e dos pares e adequações das tarefas às necessidades de cada criança, sendo essencial que os terapeutas ocupacionais considerem os suportes e as barreiras presentes nos ambientes escolares, assim como suas influências para o livre acesso e a participação dos estudantes (CLARK; CHANDLER, 2013).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este recorte permitiu identificar que as atividades de autocuidado estão fortemente presentes no cotidiano da Educação Infantil, fazendo-se necessária a constante supervisão ou suporte das professoras no desenvolvimento do aprendizado de atividades de autocuidado pelas crianças, podendo ou não oferecer condições e oportunidades para o desenvolvimento da autonomia.

Da mesma forma, podemos considerar que a compreensão das atividades de autocuidado a partir de uma perspectiva ocupacional fortalece as possibilidades de intervenção de terapeutas ocupacionais nos contextos de Educação Infantil, junto às professoras, na promoção da participação e aprendizagem das crianças.

## **REFERÊNCIAS**

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTZEN, W.R. Descrições Narrativas. In: BENTZEN, W.R. Guia para observação e registro do comportamento infantil. São Paulo: CENGAGE Learning, 2012. P. 99-116.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Senado Federal. Estatuto da criança e do adolescente. 2. Ed. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2018.

CLARK, G.F.; CHANDLER, B.E. Best practices in supporting student access to School environments. In: CLARK, G.F.; CHANDLER, B.E. Best practices for occupational therapy in schools. Bethesda, MD: AOTA Press, 2013. P. 69-79.

COFFITO. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução n° 500, de 26 de dezembro de 2018. Reconhece e disciplina a especialidade de Terapia Ocupacional no Contexto Escolar, define as áreas de atuação e as competências do terapeuta ocupacional especialista em Contexto Escolar e dá outras providências. 2018. Disponível em <<https://www.coffito.gov.br/nsite/?p=10488>>

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. 1994. Disponível em:<<portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 19/07/2019

FOLHA, Débora da Silva Ribeiro Campos. Perspectiva ocupacional da participação de crianças na Educação Infantil e implicações para a Terapia Ocupacional. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Terapia Ocupacional. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. No prelo. 2019

GARTLAND, S. Occupational Therapy in preschool and childcare settings. In: CASE-SMITH, J. Occupational Therapy for Children. 4 ed. Missouri: Mosby, 2001. p. 731-755.

JURDI, A.P.S.; TEIXEIRA, P.A.; SÁ, C.S.C. Vulnerabilidade sócio ambiental e o cuidado na primeira infância: o olhar da terapia ocupacional para o trabalho em creche. Rev Ter Ocup Univ

São Paulo, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 281-9, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v28i3p281-289>

MULLIGAN, S. Preschool: I'm learning now! In: In: LANE, S.J; BUNDY, A.C. Kids can be kids: a childhood occupations approach. Philadelphia: F.A. Davis Company, 2012. P. 63-82.

ROCHA, E. F. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 122-127, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p122-127>

RODGER, S.; KENNEDY-BEHR, A. Introduction to occupation-centred practice for children. In: RODGER, S.; KENNEDY-BEHR, A. Occupation-centred practice with children – A practical guide for Occupational Therapists. 2 ed. Reino Unido: Wiley Blackwell, 2017. p. 1-20.

RODGER, S.; ZIVIANI, J. Children, their environments, roles and occupations in contemporary society. In: RODGER, S.; ZIVIANI, J. Occupational Therapy with children: understanding children's occupations and enabling participation. Malden: Blackwell Publishing, 2006. P. 3-21.

## **Ensino de repertórios pré-escolares de crianças com transtorno do espectro autista via cuidadores**

*Iasmim Teles Corrêa*

*Alessandra Mourão Pereira Monteiro*

*Layane Andreza Lima Sena*

*Glenda Miranda da Paixão*

A leitura e a escrita são comportamentos distintos e complexos, presentes em diversas ocupações, principalmente na educação. Esse trabalho visou investigar os efeitos de um procedimento de ensino de construção de palavras e sentenças sobre as habilidades de leitura textual e com compreensão e de construção de novas sentenças de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Estudo qualitativo, descritivo, com delineamento experimental de sujeito único, realizado com quatro díades cuidador-criança, com idade entre 5 e 7 anos, gênero masculino, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Realizou-se com os cuidadores o teste de leitura, a aplicação da escala Childhood Autism Rating Scale e os treinamentos. Com as crianças, realizou-se os testes ao final de cada etapa e os testes de manutenção. Nos testes, apenas uma criança apresentou leitura textual em todas as etapas do estudo; na leitura com compreensão dos três estudos respectivamente apresentaram: 67%, 69% e 42% de acertos; na construção de novas sentenças dos Estudos 2 e 3: 33% e 25%. Enquanto nos follow ups de 15 e 30 dias, obteve-se na leitura com compreensão: 67% e 50%; construção de novas sentenças: 50% e 28%. É possível comprovar a eficácia do procedimento, mesmo para crianças cujas habilidades de linguagem receptiva e produtiva são deficientes. Compreende-se a importância dessa pesquisa no processo de ensino de crianças com autismo, visando o engajamento nas tarefas escolares e, portanto, na ocupação Educação, além de fomentar a participação do Terapeuta Ocupacional neste contexto.

Palavras-chave: Autismo. Cuidador. Escrita. Leitura.

## **INTRODUÇÃO**

Segundo Cabral e Marim (2017), o indivíduo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é caracterizado por apresentar um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da inserção social e da comunicação e restrito repertório de atividades e interesses. Em

uma abordagem analítica comportamental, as limitações que caracterizam o TEA podem ser descritas em termos de restrições do desenvolvimento do controle de estímulos que, por sua vez, limitam o desenvolvimento de classe de estímulos composta por membros sem propriedades físicas similares. Essas limitações podem tornar-se uma barreira no aprendizado de repertórios relacionados à leitura e a escrita (PAIXÃO & ASSIS, 2018; SPRADLIN E BRADY, 1999).

“Ler” pode ser considerado a emissão de respostas vocais específicas, sob o controle de estímulos textuais (visuais ou táteis), e “ler com compreensão” é um comportamento mais complexo que só ocorre mediante a aprendizagem de relações entre os estímulos textuais e seus referentes (objetos, figuras, ações, etc.). “Escrever” também é uma forma de comportamento verbal, funcionalmente similar ao comportamento de falar. Existem diversas modalidades de escrita (cursiva, Braille, etc), que exigem diferentes habilidades motoras. Portanto, para escrever em qualquer modalidade, é necessário o aprendizado das respostas motoras específicas, e de como a encadeá-las (DE ROSE, 2005; PAIXÃO et al., 2013).

Com base nisso, compreende-se que, a leitura e a escrita são comportamentos distintos e complexos, que desempenham um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo, a leitura e escrita se fazem presentes no trabalho, no lazer, nas atividades de vida diária, atividades instrumentais de vida diária, no brincar e principalmente no que tange a ocupação educação, onde na educação formal concretiza-se o início ou aperfeiçoamento do processo de aprendizado envolvendo a leitura e a escrita.

Considerando a importância da leitura e da escrita no desempenho ocupacional, o projeto de pesquisa *Ensino de repertórios pré-escolares via cuidadores de crianças com TEA*, visa investigar os efeitos de um procedimento de ensino de construção de palavras e sentenças, sobre as habilidades de leitura textual e com compreensão e de construção de novas sentenças de crianças com TEA. Sendo que o procedimento foi aplicado pelo cuidador, ressaltando a fundamental participação deste no processo educacional de seus filhos.

## **METODOLOGIA**

Estudo qualitativo, descritivo, com delineamento experimental de sujeito único, aprovado pelo comitê de ética em pesquisa envolvendo seres humanos, de 24 de setembro de 2018, conforme exigência do Conselho Nacional de Saúde (Resolução nº 466/12).

### **Participantes:**

Participaram deste estudo quatro díades criança – cuidador, cujas crianças aqui denominadas de Tony, Steve, Bruce e Peter que constavam na lista de espera do ambulatório de atendimentos pediátrico da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, de uma universidade pública. As crianças tinham idade entre 5 e 7 anos, gênero masculino, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), comprovado por laudo médico ou terapêutico.

### **Ambiente experimental e materiais:**

A pesquisa ocorreu na sala de Atividades de Vida Diária (AVD) de uma Faculdade de Terapia Ocupacional de uma universidade pública. Os materiais e equipamentos utilizados foram: mesa, cadeiras, brinquedos variados, celular, folhas de registro, notebook e para o ensino conduzido pelos cuidadores foi confeccionadas cartelas. Os estímulos foram sílabas/palavras e sentenças impressas e ditadas, figuras e animações gráficas referentes às palavras e as sentenças.

### **Procedimento Geral:**

Inicialmente foi realizado teste de leitura com os cuidadores e posteriormente aplicou-se a escala Childhood Autism Rating Scale-CARS (PEREIRA, 2007). Antes do início da aplicação do procedimento, todas as crianças passaram pelo pré-teste de leitura das 12 palavras do Estudo 1.

Forneceu-se treinamento aos cuidadores, que envolveu as etapas de: ensino dos princípios básicos da análise do comportamento (por meio de cartilha), análise de vídeos, simulação da aplicação do programa entre os experimentadores, cuidadores-cuidadores, cuidadores-criança (tentativa supervisionada), além disso, houve treino quanto à disponibilização das cartelas, formas de registro (filmagem e folhas de registro), gerenciamento dos comportamentos apresentados pela criança, aos números de tentativas e reforços.

O encontro com os cuidadores ocorriam duas vezes por semana, para o treinamento ou para a troca de estímulos, quando o critério era atingido. Considerava-se como critério de acertos três respostas corretas consecutivas para cada estímulo em três sessões de treino diferentes.

As tarefas envolviam a apresentação de um estímulo modelo (palavra, figura/ gif, ou modelo oral - ditado), uma instrução (ex.: “escreva” ou “construa”), e a disposição das cartelas pelo cuidador, a resposta da criança (organizar as cartelas). Caso a criança acertasse, o cuidador deveria dispensar um reforçador (elogios, comestíveis), caso a criança não respondesse

conforme o programado, o cuidador deveria repetir a tentativa ofertando ajuda (total ou parcial), que deveria ser retirada gradativamente.

Ao término de cada estudo, solicitava-se a presença da criança para realização de testes referente ao estudo aplicado. Estes ocorriam por meio da utilização de equipamento informatizado empregando um software específico – PROLER (ASSIS E SANTOS, 2010).

## RESULTADOS

Na Escala CARS, as crianças Tony e Peter obtiveram, respectivamente, um score 38 e 42 (autismo grave); Steve teve um score de 27 (ausência do autismo), porém se enquadrou a pesquisa por apresentar um diagnóstico médico que confirmava a presença do TEA; e Bruce apresentou um score de 31 pontos (autismo moderado). No teste de leitura com os cuidadores, todos apresentaram leitura e escrita de todas as palavras e sentenças utilizadas no estudo. No pré-teste de leitura textual de 12 palavras nenhuma das crianças apresentou leitura das palavras.

A tabela 1 mostra os resultados obtidos nos testes de leitura textual (LT), de leitura com compreensão (LC) e de construção de sentenças novas (CSN) nos Estudos 1, 2 e 3.

Tabela 1- Resultados dos estudos 1, 2 e 3 por participante.

	Estudo 1		Estudo 2			Estudo 3		
	LT	LC	LT	LC	CNS	LT	LC	CNS
Tony	0/12	19/24	0/6	12/12	0/6	0/3	3/6	1/6
Steve	12/12	23/24	5/6	10/12	4/6	3/3	2/6	3/6
Bruce	0/12	8/24	0/6	6/12	4/6	0/3	3/6	2/6
Peter	0/12	15/24	0/6	5/12	0/6	0/3	2/6	0/6

Após os períodos de 15 e 30 dias sem exposição às contingências de ensino, foram reconduzidos os testes do Estudo 3. A tabela 2 apresenta os resultados, comparando-os aos resultados da primeira exposição.

Vale ressaltar, que não há dados dos dois Follow-ups do Peter, pois, até o momento da construção do resumo o mesmo ainda não havia realizado tais etapas.

	1ª exposição			Follow up 15 dias			Follow up 30 dias		
	LT	LC	CNS	LT	LC	CNS	LT	LC	CNS
Tony	0/3	3/6	1/6	0/3	5/6	3/6	0/3	2/6	1/6
Steve	3/3	2/6	3/6	1/3	4/6	2/6	2/3	4/6	4/6
Bruce	0/3	3/6	2/6	0/3	3/6	4/6	0/3	3/6	0/6

## DISCUSSÃO

Observa-se a formação incipiente de classes de estímulos equivalentes pelos participantes da pesquisa, o que corrobora os dados de Paixão e Assis (2018), que apresentaram metodologia similar, porém, a aplicação do procedimento era realizada pela experimentadora. Observa-se, porém, que há variabilidade nas respostas nesse estudo quando comparado ao de Paixão e Assis (2018), o que pode ser relacionado à introdução do cuidador como aplicador. Este dado pode ser melhor investigado em estudos posteriores que modifiquem a quantidade de horas de treinamento ou um acompanhamento mais sistemático do cuidador.

Dessa forma, é possível verificar que, a partir de contingências organizadas, crianças com TEA podem responder sob controle de estímulos textuais, diminuindo-se as barreiras no aprendizado de repertórios relacionados à leitura e a escrita citada por Spradlin e Brady (1999). Segundo Mackay e Sidman (1984), os procedimentos de emparelhamento com o modelo e emparelhamento com o modelo por resposta construída (ambos utilizados nesse estudo) são úteis para pessoas cujas habilidades de linguagem receptiva e produtiva são deficientes, como as crianças com diagnóstico de TEA são geralmente descritas.

## CONCLUSÃO

Compreende-se a importância dessa pesquisa no processo de ensino de crianças com TEA, visando o engajamento das mesmas nas tarefas escolares e, portanto, na ocupação Educação, além de fomentar a participação do Terapeuta Ocupacional neste contexto, tendo em vista que, a leitura e a escrita são componentes fundamentais para a execução de inúmeras ocupações que qualquer indivíduo está sujeito.

## REFERÊNCIAS

CABRAL, C.S.; MARIN, A. H. **Inclusão escolar de crianças com transtorno do espectro.** Educação em Revista, Belo horizonte, v. 33, abr. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982017000100113&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982017000100113&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 20 mai. 2019.

DE ROSE, J.C. **Análise comportamental da aprendizagem da leitura e da escrita.** Revista brasileira de análise do comportamento, vol.1 no. 1, 29-50. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/rebac/article/download/676/965>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

PAIXÃO, G. M.; ASSIS, G. J. A. **Efeitos do ensino via CRMTS sobre leitura e construção de sentenças para crianças com autismo.** Interação em psicologia, v. 22, n. 01. 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/51327>>. Acesso: 20 mai. 2019.

PAIXÃO, G.M., SOUZA, G.F., KATO, O.M., HAYDU, V.B. **Análise dos procedimentos de ensino e a emergência da leitura recombinação.** Psicologia da Educação, São Paulo, n.36, 5-17. 2013. Disponível em: <[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj8uZDT15zjAhXC B9QKHXiXCgAQFjAAegQIABAB&url=http%3A%2F%2Fpepsic.bvsalud.org%2Fscielo.php%3Fscript%3Dsci\\_arttext%26pid%3DS1414-69752013000100002&usg=AOvVaw1C20O8fegev12wHz0rsGVs](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwj8uZDT15zjAhXC B9QKHXiXCgAQFjAAegQIABAB&url=http%3A%2F%2Fpepsic.bvsalud.org%2Fscielo.php%3Fscript%3Dsci_arttext%26pid%3DS1414-69752013000100002&usg=AOvVaw1C20O8fegev12wHz0rsGVs)>. Acesso em: 01 jul. 2019.

PEREIRA, A., RIESGO, R., SAGNER M.B. **Autismo infantil: Tradução e Validação da CARS (Childhood Autism Rating Scale) para uso no Brasil.** Jornal de Pediatria, Porto Alegre, v. 84, n. 6. 2008. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S002-75572008000700004](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002-75572008000700004)>. Acesso em: 01 jul. 2019.

SPRADLIN, J. E., & BRADY, N. C. (1999). **Early childhood autism and stimulus control.** In Ghezzi, P. M., Williams, W. L., & Carr, J. E. *Autism: behavior-analytic perspectives.* (pp. 49- 65). New York: Context Press.

## **Inclusão escolar no aspecto psicossocial junto à terapia ocupacional**

*Josefa Viviane Menezes santos*

*Maria Milena Alves de Oliveira*

*Maiane dos Santos Ramos Menezes*

*Valderlania Nadiane Fontes de Jesus*

*Raphaela Schiassi Hernandes*

*Juliana Ferreira Lopes*

Quando tratamos de inclusão psicossocial na escola queremos entender os fatores presentes no meio social ou familiar do sujeito que acarretam dificuldades ou preocupações para os mesmos, como também, o que está influenciando esse a querer prosseguir ou não na escola. Em um povoado do município de Lagarto alunas do curso de graduação em Terapia ocupacional se depararam com uma escola a qual é composta por 227 alunos e entre esses cerca de 38.8% apresentam alto nível de desinteresse escolar. Frente a esse nível alarmante as discentes desenvolveram uma roda de conversa para entender os fatores que levam os estudantes a não desejar prosseguir nos estudos. Conhecimentos sobre a realidade dos estudantes da zona rural e a necessidade que esses apresentam de profissionais que articulem sua inclusão frente as suas demandas e dificuldades. Quando se trata de inclusão psicossocial na escola o objetivo é entender os fatores presentes no meio social ou familiar do sujeito que acarretam dificuldades ou preocupações para os mesmos, como também, o que está influenciando esse a querer prosseguir ou não na escola. O profissional de terapia ocupacional entra nesse contexto para conseguir por meio de ações torna o ambiente mais acolhedor e inclusivo frente às diversas demandas encontradas. Além disso, poderá oferecer atenção individual ou grupal aos jovens da instituição prevenindo ou tratando os acometimentos advindos das dificuldades ou contexto ao quais esses alunos estão inseridos.

**Palavras chave:** Inclusão escolar, inclusão psicossocial, terapia ocupacional, contextos.

## INTRODUÇÃO

O termo incluir vem do latim *includere*; que significa compreender, abranger; conter em si, envolver, implicar; inserir, pertencer juntamente com outros (FUMEGALLI, 2012). Considerando a inclusão no ambiente escolar, local de aprendizagem e construção de vínculos, a mesma vem se apresentando como essencial no desenvolvimento cognitivo e das relações sociais, de crianças e adolescentes (OLIVEIRA, 2018). Segundo a UNICEF (2015), 2,8 milhões de crianças e adolescentes brasileiros estão fora da escola.

Essa evasão escolar afeta principalmente meninos e meninas mais vulneráveis socioeconomicamente, e que já são privados de outros direitos constitucionais. Quando se ouve o termo inclusão escolar pensa-se a princípio no indivíduo com deficiências, transtornos ou qualquer outra patologia, mas, em uma conversa entre discentes da terapia ocupacional e adolescentes em idade escolar sobre os motivos para desmotivação nos estudos foi notado que existe problemas que estão além dos citados e requerem uma atenção especial e ações para que esses jovens consigam o acesso à escola e que nela tenham conforto o suficiente para se encontrarem nesse lugar.

A inclusão escolar acontece desde uma adaptação no espaço para que este consiga receber e confortar os alunos nele presentes até o desenvolvimento de ações que trabalhem de maneira singular as demandas de cada aluno. Quando tratamos de inclusão psicossocial na escola queremos entender os fatores presentes no meio social ou familiar do sujeito que acarretam dificuldades ou preocupações para os mesmos como também o que estar influenciando esse a querer prosseguir ou não na escola. Então a partir do momento que é entendido o ambiente ao qual este está inserido começa-se a trabalhar ou desenvolver meios dentro do espaço escola para que este aluno consiga aproveitar e debruçar-se sobre o conteúdo e atividades oferecidas na instituição da mesma maneira que aqueles dos que não apresentam problemáticas sociais.

Em um povoado do município de Lagarto alunas do curso de graduação em Terapia ocupacional se depararam com uma escola a qual é composta por 227 alunos e entre esses cerca de 38.8% apresentam alto nível de desinteresse escolar. Frente a esse nível alarmante as discentes desenvolveram uma roda de conversa para entender os fatores que levam os estudantes a não desejar prosseguir nos estudos. Em maioria foi exposto como motivo as dificuldades financeiras e a falta de exemplares na família ou na comunidade de pessoas que concluíram o ensino fundamental ou uma graduação. A instituição escolar rural por si só já apresenta diversos problemas que afetam a inclusão dos jovens do campo entre esses podemos

citar: Deficiência nas políticas públicas, estrutura do espaço, valorização dos profissionais que atuam no local.

“o poder público considera a magnitude da importância da educação escolar para o exercício da cidadania plena e para o desenvolvimento de um país cujo paradigma tenha como referências a justiça social, a solidariedade e o diálogo entre todos independente de sua inserção em áreas urbanas ou rurais, sendo assim deve garantir a universalização do acesso da população do campo à Educação Básica e à Educação Profissional de Nível Técnico (BRASIL,2001, p.1).

Quando junto a esses apresenta-se dificuldades de toda uma comunidade o desejo pelo estudar fica de fato reprimido. Em uma turma de 22 alunos apenas um era filho de mãe com ensino superior completo, sendo os demais filhos de agricultores e pecuaristas que tiram seu sustento nas terras da região, tendo como base educacional apenas o ensino fundamental. O Estatuto da Criança e do Adolescente, artigo 55 (BRASIL, 1990), determina que os responsáveis têm a obrigação de matricular seus filhos na rede regular de ensino. E além de inserir esses alunos, os pais tem o papel de incentiva-los a permanecer na escola.

Assim, desse campo observa-se a possibilidade de ação da Terapia Ocupacional (TO), que tem se utilizado de proposições que ampliam seu espaço de intervenção, utilizando dispositivos que buscam a ampliação do entorno social, autonomia e melhora da qualidade de vida de pessoas que se encontram com dificuldades de inserção e participação social (JURDI; BRUNELLO; HONDA, 2004).

## **MÉTODO**

Trata-se de um relato de experiência de uma vivencia extracurricular de alunas do curso de graduação em Terapia Ocupacional em uma escola rural realizando uma pesquisa descritiva.

## **RESULTADO**

Conhecimentos sobre a realidade dos estudantes da zona rural e a necessidade que esses apresentam de profissionais que articulem sua inclusão frente as suas demandas e dificuldades.

## **DISCUSSÃO**

A inclusão escolar acontece desde uma adaptação no espaço para que este consiga receber e confortar os alunos nele presentes até o desenvolvimento de ações que trabalhem de maneira singular as demandas de cada aluno. Quando se trata de inclusão psicossocial na escola

o objetivo é entender os fatores presentes no meio social ou familiar do sujeito que acarretam dificuldades ou preocupações para os mesmos, como também, o que está influenciando esse a querer prosseguir ou não na escola. Então a partir do momento que é entendido o ambiente ao qual este está inserido começa-se a desenvolver meios dentro do espaço escolar para que este aluno consiga aproveitar e debruçar-se sobre o conteúdo e atividades oferecidas na instituição, da mesma maneira daqueles que não apresentam problemáticas sociais. Foi realizada uma ação extracurricular em uma escola rural para esclarecer os motivos e questões pelos quais os alunos daquela instituição possuem um considerável nível de desinteresse quanto aos estudos.

Pensando nessa perspectiva e tentando entender o motivo da desmotivação dos alunos para com os estudos o coordenador pedagógico formulou um projeto o qual tem como objetivo trabalhar o incentivo e o entendimento da subjetividade dos seu publico escolar dentro deste trabalho estava inserido uma roda de conversa entre universitários e os alunos da instituição. A roda de conversa ocorreu no dia 27-07-19 em sala de aula junto a turma do oitavo ano composta por 22 alunos e estar em andamento os próximos encontros com as demais turmas, de inicio cada graduanda realizou uma pequena apresentação e relatou os motivos os quais a levaram a obter o sonho da graduação em seguida as mesmas perguntaram “quem tinha o desejo de continuar os estudos posteriormente a escola” obtendo respostas falhadas de 3 dos alunos presentes tais como “não sei se irei concluir esse ano”, “até queria ir para faculdade mas, não sei direito qual o curso” as graduandas completaram que “não é necessário saber o que se quer na idade deles porém, é preciso manter o foco e esforça-se desde já.

Durante essa ação, os alunos puderam trazer para a discussão motivos pelos quais eles não se interessavam pelos estudos e uma posterior vida acadêmica. Nesse momento, podemos perceber que muitos são advindos de famílias com pouca renda e vulneráveis economicamente, por meio de falas como: “estudar pra que meus pais não completaram nem o fundamental”, “meus pais trabalham na roça mal sabem ler”, o que leva a esses jovens a verem o trabalho como sua única fonte de ajudar a família e acabam deixando de lado os estudos. Os alunos foram questionados também quanto aos seus sonhos e suas perspectivas de futuro, e novamente, percebemos que muitos pensam em terminar o ensino médio e ir para o mercado de trabalho, sendo poucos os que trouxeram terem o sonho de ir para a faculdade e ter uma profissão. Diante esse questionamento somente uma das alunas afirmou que sua mãe concluiu o ensino superior e outra indagou “é difícil querer estudar com tantos problemas” não especificando quais.

## CONCLUSÃO

Durante a roda de conversa as graduandas trouxeram que também tem origem em famílias que apresentam dificuldades financeiras e apesar das dificuldades isso nunca foi um empecilho para seus estudos, relataram que para elas os estudos é uma oportunidade de mudar suas realidades e o mesmo as permitem conhecer além do que sua comunidade oferece, solicitaram que eles refletissem o quanto eles evoluíram até o momento desde o reconhecer as letras à junta-las e conseguir ler um texto completo entendendo o que o autor quis dizer, os alunos foram questionados sobre qual a evolução que eles poderão ter trabalhando na lavoura durante a vida toda os mesmo responderam “nem uma pois só saberemos fazer esse serviço” sendo esse mais um momento em que foi possível refletirmos sobre as oportunidades ou opções que o estudar proporciona.

Diante do exposto podemos perceber que há uma grande influência socioeconômica no processo de aprendizagem dos estudantes. Os relatos das graduandas funcionaram como base para formulação de vínculo/ conforto para que os alunos da instituição trouxessem um pouco de sua realidade e do que acomete o desinteresse ou dificuldades de ir à escola. O profissional de terapia ocupacional entra nesse contexto para conseguir por meio de ações torna o ambiente mais acolhedor e inclusivo frente às diversas demandas encontradas, além disso, é um profissional capacitado para trabalhar de forma interdisciplinar e multidisciplinar, podendo também trabalhar diretamente com as demandas da comunidade onde a escola estar inserida caso necessário, oferecer atenção individual ou grupal aos jovens da instituição prevenindo ou tratando os acometimentos advindos das dificuldades ou contexto ao qual esses alunos estão inseridos.

O terapeuta ocupacional não desempenha seu trabalho somente com pessoas com deficiência ou dificuldades de aprendizagem, seu objetivo também pode ser: grupos para profissionais da escola visando colaborar com a maneira do professor lidar com as diferenças, colaborar com a organização das atividades pedagógicas por meio de adaptações adequadas, treinamentos sobre comunicação alternativa, acessibilidade e com sugestões da organização de espaços no contexto escolar (CREFITO 10).

## REFERÊNCIAS

BARBA,P.C.de, S.D, MINATEL, M.M. **Contribuições da terapia ocupacional para inclusão escolar de crianças com autismo**. São carlos: Cad.Ter.Ocup. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF, 2001.

FUMEGALLI, R.D.C.D.A. **Inclusão Escolar: o Desafio de uma Educação para Todos?**, 2012.

INCLUSÃO escolar. **Unicef para cada criança**. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/inclusao-escolar>>. Acesso em: 12 jul. de 2019.

OLIVEIRA, F.D.A.S.; PAIVA, D.C.D. Ensino, Aprendizagem, e a Inclusão Escolar pelo método de Gamificação. In: V Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão, 2018, Niterói. **Anais V SEDUCE**, v.2, 2018, p. 1-9.

TERAPIA Ocupacional no Contexto Escolar, Crefito10, 2015. Disponível em: <<http://www.crefito10.org.br/conteudo.jsp?idc=2044>>. Acesso em: 18 de jul. de 2019.

## **Aprendizagem como ocupação: o envolvimento em ocupações, o desenvolvimento de competências, e a perspectiva ocupacional na formação profissional de terapeutas ocupacionais na graduação**

*Aline Paula Delarissa Secone*

*Maria Paula Panúncio Pinto*

Durante a formação profissional no curso de graduação em Terapia Ocupacional, espera-se que o estudante alcance um perfil profissional e desenvolva certas habilidades e competências. As ocupações com as quais ele se envolve no cotidiano da Universidade e seu significado, bem como a influência da ciência ocupacional, através de sua essência, são importantes parâmetros para a compreensão do processo da aprendizagem como ocupação e para o desenvolvimento dessas habilidades e competências. Os objetivos desta pesquisa são identificar o envolvimento das principais ocupações cotidianas de estudantes de graduação em terapia ocupacional; explorar a percepção da aquisição de habilidades e competências esperadas; e explorar a influência da ciência ocupacional na formação profissional. Este é um estudo descritivo exploratório com abordagem predominantemente qualitativa. Os sujeitos desta pesquisa são estudantes do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Os procedimentos realizados foram grupos focais e mapas corporais. Esta pesquisa obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa no processo 2459/2018, e foram realizados 3 sessões de mapa corporal com 13 estudantes (39 sessões) e 5 grupos focais do 1º ao 5º ano (36 estudantes). Os resultados desta pesquisa indicam os sentidos atribuídos à ocupação educação; o desconhecimento dos estudantes sobre o Projeto Político Pedagógico do curso; a crise de identidade da profissão. Com isso, a criação de ambientes educacionais colaborativos, e a necessidade de mudança nas disciplinas, como a inclusão da Ciência Ocupacional como ampliadora da compreensão da ocupação, poderá favorecer a aquisição de competências na formação profissional.

**Palavras - chave:** aprendizagem como ocupação; ciência ocupacional; estudantes de terapia ocupacional; habilidades e competências.

## **INTRODUÇÃO**

Um estudante universitário envolve-se em algumas ocupações principais durante o período de formação profissional. Conhecer os sentidos atribuídos às ocupações mais presentes na vida dele pode contribuir para ampliar a compreensão do processo de envolvimento em ocupações desses estudantes.

De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP-FMRP, 2017), espera-se que o estudante adquira ao longo desse processo uma formação profissional generalista, humanista, crítica e reflexiva. Para isso, é parte do conteúdo abordado na graduação, o estudo das ocupações, a compreensão do cotidiano, a temática dos direitos humanos e justiça ocupacional, a fim de que o estudante desenvolva competências gerais e específicas. A ciência ocupacional, nesse sentido, é uma disciplina dedicada ao estudo da ocupação, e acrescenta à prática da terapia ocupacional ao expandir o entendimento da ocupação (CLARK; LAWLOR, 2011).

Portanto, este trabalho investiga a aprendizagem como ocupação e a perspectiva dos estudantes sobre a aquisição das competências esperadas, a perspectiva ocupacional na formação profissional, e seu envolvimento em ocupações cotidianas no ambiente universitário.

## **METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa aplicada, não experimental, transversal, de caráter descritivo-exploratório, adotando abordagem predominantemente qualitativa. A mesma obteve aprovação do CEP-HCFMRP no processo 2459/2018. Participaram estudantes de todas as séries do curso de graduação em Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Os procedimentos utilizados foram Grupos Focais (GF) e Mapas Corporais (MP).

Nos GFs os participantes são convidados a discutir ou compartilhar suas ideias com os outros, em discussão informal, na qual podem se colocar livremente, expressar opiniões e impressões (KRUEGER, 1994). Foi realizado um GF com cada série, a partir de roteiro com 12 perguntas para guiar as sessões sobre o processo de formação profissional. As sessões foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas em seu conteúdo. A análise temática de conteúdo permite a identificação de categorias temáticas, através do conteúdo manifesto, que é identificado através da utilização de códigos ou palavras-chave para a leitura/busca (BERG, 1998; SHEPHERD, ACHTERBERG, 1992).

Já o MP é a representação do corpo em tamanho real que proporciona o envolvimento dos participantes da pesquisa de forma subjetiva e criativa, tornando possível representar diversos aspectos de suas vidas através de uma orientação (GASTALDO, MAGALHÃES, CARRASCO, 2013). Estes foram realizados em três sessões com cada estudante, sendo a terceira, gravada e transcrita na íntegra. Foram construídas perguntas para guiar as sessões do mapa corporal sobre as principais ocupações de um estudante universitário, aspectos da graduação e a auto perspectiva sobre a formação profissional.

## RESULTADOS

Foram realizados 05 sessões de grupo focal, do 1º ao 5º ano, e participaram dos grupos focais 36 alunos, sendo 6 do 1º ano, 8 do 2º ano, 6 do 3º ano, 10 do 4º ano, e 6 do 5º ano, sendo 5 meninos, e 31 meninas, com idades entre 18 e 26 anos. Já nos mapas corporais, participaram 13 estudantes, sendo 1 menino e 12 meninas, com idade entre 18 e 33, sendo 2 do 1º ano, 3 do 2º ano, 2 do 3º ano, 4 do 4º ano, e 2 do 5º ano, 03 sessões cada, totalizando 39 sessões.

Como resultados, foram criadas três grandes categorias de ambos os procedimentos diante da sobreposição dos conteúdos explorados, em que são indicados se foram obtidos através dos GFs ou dos MPs. Observação: os resultados originados dos MP não possuem indicação de origem, somente os do GF. (Tabela 1: Categorias).

<b>Categorias</b>	
<b>Envolvimento ocupacional e percepção da graduação (MP e GF)</b>	
<b>Ocupações</b> <u>Educação</u> : sentimentos de tensão/sobrecarga (10/ 5GF); satisfação pessoal (2); <u>Participação social</u> : felicidade (3); <u>Lazer</u> : felicidade (3); Desequilíbrio entre as ocupações (2/5 GF); Participação social como fortalecedora da educação (2).	<b>Graduação (GF):</b> Pouco conhecimento do PPP (5); Momento de crise (2); Dificuldade em definir a profissão (2);
<b>Habilidades e competências (MP e GF)</b>	

Empatia (7/ 4GF); Criatividade (3/ 4GF); Habilidades para identificar as demandas (4/ 2GF); Autorreflexão/ atualizar-se (4/ 2GF); Comunicação (2GF); Escuta (2); Saber explicar a atuação da T.O. (2); Paciência (2); Autoposicionamento nas equipes (2); Raciocínio clínico (2); Saber diferenciar atividade de ocupação (2); Gostar da profissão (2); Sensibilidade (2); Respeito (2); Promover a T.O. (2).
<b>Influência da Ciência Ocupacional (GF)</b>
Necessidade da definição e aprofundamento da ocupação, e outros conceitos (3); Alguns conceitos da Ciência Ocupacional podem auxiliar na aquisição de habilidades e competências (3); Estudo da ocupação é dado com obviedade e através do senso comum (2).

## DISCUSSÃO

Em relação às ocupações mais presentes na vida de um estudante no contexto universitário, destaca-se a educação como a mais presente. Sobretudo, observa-se os sentimentos de sobrecarga e apreensão atribuídos à educação, tornando o envolvimento nesta ocupação menos significativo. Uma indicação das potências existentes para o envolvimento na ocupação educação, é a participação social como fortalecedora da educação, desse modo, evidencia-se a necessidade de ambientes educacionais cooperativos, colaborativos, e com incentivo à criação de vínculo; sem contar medidas que reduzem a sobrecarga do estudante.

Com o intuito de fortalecer o perfil identitário da profissão e o alinhamento com o paradigma psicossocial e com a pedagogia das competências, a *World Federation of Occupational Therapists* (WFOT) foi revista, em 2016, com a proposta da abordagem centrada no cliente e a concepção ampliada de Ocupação (MANGIA; BREGALDA, 2018). Entretanto, ainda percebe-se uma crise de identidade da profissão, não atual, em relação à dificuldade em definir a profissão. A dificuldade mais citada para a definição da profissão entre os estudantes foi a diferenciação da Terapia Ocupacional de outras profissões (ASSIS; PANÚNCIO-PINTO, 2010). O pouco conhecimento do PPP também revela a baixa introdução destas novas proposições nas disciplinas e certa alienação dos estudantes em seu próprio processo de aprendizagem.

Nesse sentido, os estudantes destacam a importância do aprofundamento da ocupação como objeto de estudo. Com isso, na medida em que a ciência ocupacional se preocupa com determinadas questões a fim de uma melhor compreensão do fenômeno ocupação, a disciplina

possui papel essencial na fundamentação e na transformação da terapia ocupacional, e, conseqüentemente, na formação dos terapeutas ocupacionais (MAGALHÃES, 2013).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da investigação deste trabalho, é possível concluir que os acentuados sentimentos de tensão presentes na ocupação educação tornam o envolvimento ocupacional nesta ocupação menos significativo. Também, o desconhecimento sobre o PPP demonstra certa alienação dos estudantes em seu próprio processo de aprendizagem. Além disso, a dificuldade dos estudantes em definir a profissão é um reflexo da crise de identidade profissional. Por fim, somando a inclusão de mais conteúdos da ciência ocupacional como um elemento importante no processo de compreensão da ocupação e de outros conceitos, a real diluição das novas proposições da WFOT nas disciplinas, e a criação de ambientes educacionais cooperativos e colaborativos, contribuirá para o favorecimento da identidade profissional, para a aquisição de competências de um estudante de terapia ocupacional, e para um envolvimento mais significativo na educação.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, C. P.; PANÚNCIO-PINTO, M. P. Dificuldades encontradas por estudantes e profissionais no município de Uberaba ao explicarem a terapia ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, v. 18, n. 3, p. 263-274, set, 2010.
- BERG B. Content Analysis. IN: BERG B. **Qualitative Research Methods for the Social Sciences**. Boston, Mass: Allyn& Bacon; 1998: 233-252.
- CLARK, F.; LAWLOR, M.C. **A elaboração e o significado da Ciência Ocupacional**. In: CREPEAU EB; COHN, E.S.; SCHELL, B.A.B. Willard & Spackman Terapia Ocupacional. 11a. Edição. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- GASTALDO, D; MAGALHÃES, L; CARRASCO, C. Mapas corporais narrados: um método para documentar saúde, resiliência, adoecimento e sofrimento. In: FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I. M. (Org.). **As práticas corporais no campo da saúde**. São Paulo: Hucitec, p. 83-100, 2013.
- KRUEGER, R. **A Focus group discussion: a practical guide for applied research**. London: Sage Publications, 1994.

MAGALHÃES, L. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da Ufscar**, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 255-263, 2013.

MÂNGIA, E. R.; BREGALDA, M.M. Internacionalização e os desafios dos novos padrões. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 29, n. 3, set/dez, 2018.

SHEPHERD SK, ACHTERBERG CL. Qualitative research methodology: data collection, analysis, interpretation, and verification. In: Monsen ER, ed. *Research: Successful Approaches*. Chicago, Ill: American Dietetic Association, p. 82-88, 1992.

## **Diretrizes curriculares nacionais do curso de terapia ocupacional: uma breve análise crítica feminista**

*Raionara figueiredo santos*

*Francisco leal de andrade*

Esta comunicação apresenta um pequeno recorte da pesquisa de doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo do PPGNEIM/UFBA que tem como objetivo analisar, na perspectiva feminista, a inserção dos estudos de gênero em currículos formais de cursos de terapia ocupacional do Brasil. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, situada epistemologicamente no Feminismo Perspectivista, que utiliza a Análise Crítica de Discurso como estratégia analítica. Para esta apresentação toma-se o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais como elemento de análise. Os resultados do estudo apontam para um negligenciamento da categoria gênero, além da identificação de elementos de sexismo gramatical evidenciado na utilização do masculino genérico.

**Palavras-chave:** Diretrizes Curriculares Nacionais, Gênero, Terapia Ocupacional.

### **INTRODUÇÃO**

O ano de 2018 e o presente ano de 2019 tem sido marcado pela discussão sobre a revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de graduação em Terapia Ocupacional (BRASIL, 2002<sup>1</sup>). O texto destas diretrizes traz elementos norteadores para a construção dos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC), onde estão definidos os princípios que norteiam o perfil profissional esperado e as Matrizes Curriculares, que descrevem as disciplinas, conteúdos e referenciais teóricos relevantes para a formação de terapeutas ocupacionais. Neste sentido, é possível perceber que o movimento gerado pela categoria de terapeutas ocupacionais na direção da revisão das DCN se caracteriza como oportuno para a realização de um debate sobre a inserção da categoria gênero nos textos que orientam a estruturação curricular dos cursos de terapia ocupacional.

A revisão das DCN de cursos superiores pode ser tomada como importante ferramenta política e social no combate às assimetrias de gênero ao nortear os PPC, contribuindo para o desenvolvimento de políticas institucionais voltadas para pesquisas e práticas profissionais atentas às questões de gênero. Neste sentido, Vanin<sup>1</sup> (2010, p.80) afirma que na luta contra os estereótipos de gênero é necessário atuar a partir dos currículos formais questionando-os acerca dos arcabouços teóricos e metodológicos nos quais eles são construídos e verificando se, de fato, eles permitem posicionamentos críticos que possibilite atuar na construção de uma sociedade pautada na equidade e democracia. Carvalho et al (2013<sup>1</sup>; 2014<sup>1</sup>) apontam que a partir das DCN a educação superior pode se configurar como uma importante estratégia para a inclusão da temática de gênero e diversidade nos currículos da educação superior, e, conseqüentemente, nos campos da gestão de políticas públicas, da prática social e profissional.

Para apresentação neste evento científico é tomado um recorte do trabalho de pesquisa de doutorado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo do PPGNEIM/UFBA, no qual se faz referência aos resultados obtidos através da Análise Crítica de Discurso das DCN do curso de graduação em Terapia Ocupacional. Neste sentido a análise realizada se volta a práticas discursivas relevantes às questões de gênero, e suas implicações políticas para a implementação de currículos formais. Esta pesquisa de doutorado defende a ideia de que a inserção dos estudos de gênero no currículo formal de terapia ocupacional, quando iluminada pelas lentes feministas através do “conhecimento situado” (HARAWAY, 1995<sup>1</sup>), da “emoção” (JAGGAR, 1997<sup>1</sup>) e da “objetividade forte” (HARDING, 1996<sup>1</sup>), permite a percepção da realidade de mulheres e pessoas LGBTQ+, podendo agregar importantes conhecimentos aos/às terapeutas ocupacionais.

## **METODOLOGIA**

Este estudo é caracterizado pela utilização de uma abordagem qualitativa, situada epistemologicamente no Feminismo Perspectivista<sup>1</sup> (HARDING, 1996; HARTSOCK, 1983<sup>1</sup>), que utiliza gênero como principal categoria de análise, como propõe Scott<sup>1</sup> (1986). Para o tratamento e análise dos dados obtidos no texto do documento oficial das DCN foram utilizados os princípios e procedimentos da Análise Crítica do Discurso (ACD) propostos por Fairclough (2001). Segundo Fairclough<sup>1</sup> (2001) a ACD permite análises de elementos semióticos presentes em eventos discursivos<sup>1</sup>, possibilitando

reflexões ampliadas sobre circunstâncias e processos político-sociais. Deste modo, a identificação e análise crítica de práticas discursivas<sup>1</sup> (FAIRCLOUGH, 2001) de gênero no texto das DCN constitui o *corpus* da apresentação deste trabalho.

## RESULTADOS

Através da leitura analítica do texto das DCN, observa-se a ausência de elementos discursivos que revelem direcionamentos ou proposições específicas às questões de gênero, o que permite identificar uma importante lacuna com dimensões política e social que contribuem para o negligenciamento das demandas específicas das mulheres e da população LGBTQ+ nos currículos formais de cursos de terapia ocupacional.

A análise das DCN permite também observar a utilização linguística do masculino como genérico<sup>1</sup>. Ou seja, o texto das DCN faz referência aos/às alunos/as, aos/às terapeutas ocupacionais e aos/às profissionais de saúde por meio do genérico masculino ao realizar a flexão de gênero em seus respectivos artigos – “o” terapeuta ocupacional ou “o” profissional – e/ou substantivos – “aluno”. Tal uso linguístico também é observado na universalização de gênero por meio do uso do termo “*homem*”, como sinônimo de “espécie humana”, para representar homens e mulheres, conforme observado no parágrafo VIII do Art. 5º das DCN: “[...] *compreender o processo de construção do fazer humano, isto é, de como o homem realiza suas escolhas ocupacionais, utiliza e desenvolve suas habilidades, se reconhece e reconhece a sua ação* [...]” (BRASIL, 2002, p.2, grifo nosso).

## DISCUSSÃO

A ausência de direcionamentos específicos à categoria gênero no texto das DCN aponta para uma possível inexistência de articulação política entre a categoria de terapeutas ocupacionais e a agenda feminista. Ou seja, a ausência de tensionamentos em defesa das mulheres e da população LGBTQ+ por meio do engajamento em prol de suas questões como conteúdos essenciais para o processo de revisão, elaboração e aprovação das DCN. O que contribui para que o sistema capitalista patriarcal opere, com liberdade, os seus mecanismos de dominação, que historicamente têm estado presentes nos currículos formais da educação básica e superior.

Vale destacar, que a inobservância de práticas discursivas com efetivo direcionamento às questões de gênero nas DCN de terapia ocupacional está na contramão

da realidade do Sistema Único de Saúde, que tem possibilitado o desenvolvimento de importantes políticas públicas de saúde destinadas à diversidade de gênero, com ênfase no processo de inclusão social.

[...] a dimensão de gênero e orientação sexual tem sido componente fundamental das políticas públicas de educação, saúde, trabalho, assistência social, segurança pública, dentre tantas outras, em especial aquelas voltadas ao enfrentamento da desigualdade social, ao combate à fome, a pobreza e a extrema pobreza e a promoção dos direitos das mulheres e da população LGBT. (BRASIL, 2015<sup>1</sup>)

Sobre a utilização do masculino genérico, ao utilizar o termo “*homem*” para contextualizar a ação de “escolhas ocupacionais” que envolvem o “*fazer humano*”, observa-se uma prática discursiva que vai de encontro às premissas defendidas por linguistas feministas em seus estudos sobre sexismo gramatical. De acordo com a *Reunión de Altas Autoridades en Derechos Humanos y Cancillerías del MERCOSUR Y Estados Asociados* (RAADH) este processo de universalização do genérico masculino no uso da linguagem exclui a presença e a experiência das mulheres. Fato que ganha denotação semântica contraditória na medida em que se utiliza os termos “*o terapeuta ocupacional*” e não “*o/a terapeuta ocupacional*”, por exemplo, para realizar a representação linguística de uma profissão majoritariamente composta por mulheres e que tem sua história marcada pela luta de mulheres.

Neste sentido, o discurso presente no parágrafo VIII do Art. 5º (BRASIL, 2002) aponta para a uma representação de “prática social” (FAIRCLOUGH, 2001) na qual o processo de escolhas ocupacionais, a utilização e desenvolvimento de habilidades, além do reconhecimento de si e de sua ação, transcorre em sentido universal – igual para homens e mulheres –, tomando arquétipo masculino do “*fazer humano*” como base referencial. Deste modo, ao considerar as bases teóricas defendidas pelo feminismo da diferença, voltadas ao respeito às diferenças de gênero entre homens e mulheres, o ideal para a construção de textos com tal dimensão política é a referência linguística aos dois gêneros. O que permite uma ampliação semântica que inclui a diversidade de gênero e possibilita a percepção crítica-reflexiva sobre processos de sexismo ocupacional, além de contribuir para a visibilização das mulheres no contexto da terapia ocupacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre as DCN, vale destacar que seu texto tem orientado a organização curricular de cursos de terapia ocupacional há mais de 17 anos, definindo “*princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de terapeutas ocupacionais*” (BRASIL, 2002, p.1). O fato de estar há quase duas décadas sem alterações aponta para uma realidade passível de descompasso frente ao intenso debate que tem sido realizado sobre a inserção de gênero em diretrizes curriculares de cursos superiores.

Questões com ampla dimensão de entendimento político e filosófico, como as questões de gênero, apresentam problemas com complexos marcadores sociais que não se enquadram em estruturas tradicionais compreensão, ainda submetidos à dimensão técnica de seu entendimento em educação. Ou seja, a dimensão política e filosófica, além da aproximação epistemológica com as teorias feministas, caracteriza os discursos de gênero. De modo que contradiscursos com posições também baseadas em dimensões políticas e filosóficas estão diariamente se contrapõem ao discurso gênero por meio do uso do discurso hegemônico de base patriarcal, liberal positivista. Deste modo, ao considerar o histórico de luta feminista pela inserção curricular dos estudos de gênero em diversos campos do ensino superior, observa-se que este terreno de tensões institucionais tem exigido posicionamento crítico de enfrentamento ao tecnicismo positivista em lutas estruturais nos níveis institucional e societário, como tem sido observado em diversos campos disciplinares do ensino superior.

Vale destacar que neste campo de tensionamento, os acordos e as estratégias de luta política contribuem para a contemplação dos interesses daqueles/as que se contrapõem ao hegemônico, o que possibilita a transformação de práticas discursivas oficiais/legais por meio da modificação na ordem de discurso textual, e, consequentemente, a transformação de práticas sociais (FAIRCLOUGH, 2001) de ensino, pesquisa e prática de terapia ocupacional. Deste modo, a inserção dos estudos de gênero nas DCN da terapia ocupacional contribui para a constituição de fundamentais elementos de poder em prol das bandeiras feministas, capazes de aplicar suas “cunhas de luta” para a ampliação das “fissuras político-ideológica patriarcais” (SAFFIOTI, 1995<sup>1</sup>) presentes no campo do ensino superior.